



VII ENLIJE

AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA ENQUANTO METODOLOGIA: UMA ABORDAGEM VOLTADA PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

Luana Carolyne de Araújo Guimarães, Lucas Ribeiro de Moraes,

Victor Henrique de Sena Leal Anacleto.

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, luanacarolyneag@gmail.com. Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, lucas.letras.ufcg@gmail.com. Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, victor.senahl@gmail.com

Resumo:

Compreender a poesia, especificamente para o público infantil, pode requerer um trabalho especial durante o processo voltado para sua abordagem em sala de aula por parte do docente. Segundo Pinheiro (2007), há três normas para a leitura do poema lírico: sua leitura sem interrupções, a leitura em voz alta e a procura às respostas de certas perguntas levantadas pelas obras e pelos próprios leitores. A partir dessa sequência, juntamente com as estratégias de leitura apontadas por Koch e Elias (2006), e utilizando poemas de Ruth Rocha, Manuel Bandeira e Cecília Meirelles, buscaremos apontar métodos que visem facilitar a compreensão de poemas voltados para o público infanto-juvenil em sala de aula.

Palavras-chave: Poesia infanto-juvenil; caminhos de abordagem; estratégias de leitura.





INTRODUÇÃO

Compreender a poesia, especificamente para o público infantil, pode requerer um trabalho especial durante o processo voltado para sua abordagem em sala de aula por parte do docente. Segundo Pinheiro (2007), há três normas para a leitura do poema lírico: sua leitura sem interrupções, a leitura em voz alta e a procura às respostas de certas perguntas levantadas pelas obras e pelos próprios leitores. A partir dessa sequência, juntamente com as estratégias de leitura apontadas por Koch e Elias (2006), e utilizando poemas de Ruth Rocha, Manuel Bandeira e Cecília Meirelles, buscaremos apontar métodos que visem facilitar a compreensão de poemas voltados para o público infanto-juvenil em sala de aula.

A princípio, quando profissionais da área da educação cogitam abordar poemas em sala de aula, alguns alunos, entre a faixa etária de 10 a 15 anos (ensino fundamental), imaginam que existe uma regra que deve ser seguida para poder ocorrer a compreensão da obra poética, como por exemplo, identificar a escola literária em que um determinado poema se encaixa. Todavia, é importante considerar que em todos os poemas existe um pouco de cada escola literária. Visto isso, metodologias de artistas que já foram citados nesse texto poderão/podem facilitar o deleite poético em sala de aula, com esses jovens desejando e permitindo-se adentrar no mundo da beleza e de todos os encantos possíveis que um poema apresenta.

Além disso, no decorrer dessa obra, será considerada também a abordagem poética de que alguns docentes podem se fazer valer para contribuir de forma significativa na construção de leitores (as) de poesia. Sendo a infância o período no qual o indivíduo desenvolve maior capacidade para assimilar algum conteúdo, atividade, etc., torna-se importante que a poesia esteja presente na vida de todos a partir da infância e alfabetização com o intermédio do docente quando se refere à escola, e dos pais quando se refere à família, sabendo que a educação não só é conquistada no âmbito escolar, mas também no familiar.

Após a leitura e reflexão de como abordar poemas líricos em sala de aula para jovens entre 10 e 15 anos, objetivamos incentivar docentes a formar bons leitores(as) não só de literatura canônica, sem priorizar a classificação de uma determinada obra e sem se preocupar com notas que irão compor o boletim escolar e medir a capacidade e habilidade do discente.

Pinheiro (2007) aponta os “passos da apreciação” do poema como sendo a leitura inicial sem interrupções, leitura em voz alta (aliada à performance de Zumthor) e a procura às respostas de certas perguntas levantadas pelas obras e pelo próprio leitor. Essa busca pelas respostas levantadas estaria contemplada nos momentos de leitura levantados por Koch e





VII ENLIJE

Elias (2006): a pré-leitura, quando se ativam os conhecimentos prévios e se levantam hipóteses, a leitura propriamente dita, quando se trabalham aspectos textuais e linguísticos (neste caso, principalmente estéticos e de recepção), produzindo inferências, e pós-leitura, quando se relaciona o texto a outros textos e a aspectos contextuais, através do conhecimento de mundo dos alunos.

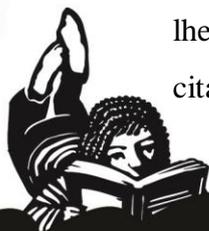
Portanto, com o intuito de viabilizar a compreensão da poesia com o público infanto-juvenil (10-15 anos), a leitura de poemas líricos requer um trabalho especial durante o processo voltado para a sala de aula, visto isso, teorias de Pinheiro (2007), Koch e Elias (2006) e Paul Zumthor (2007) poderão auxiliar na leitura literária no âmbito educacional.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito, com base nas normas de leitura de poemas apontadas por Pinheiro (2007), nas estratégias de leitura apontadas por Koch e Elias (2006) e na leitura performática de Paul Zumthor (2007), utilizando poemas de Ruth Rocha, Manuel Bandeira e Cecília Meirelles, buscaremos apontar métodos que visem facilitar a compreensão de poemas voltados para o público infanto-juvenil em sala de aula.

Através dos poemas “Porquinho-da-índia”, de Manuel Bandeira, “O que os olhos não vêem”, de Ruth Rocha, e “Enchente”, de Cecília Meireles, pudemos notar a possibilidade de se trabalhar a performance do poema lírico em sala de aula (ZUMTHOR, 2007) através das normas de leitura de poemas apontadas por Pinheiro (2007) e das estratégias de leitura apontadas por Koch e Elias (2006). No caso destes poemas, o que ocorre na enchente (Enchente), o funcionamento de governos (O que os olhos não vêem) e a relação com animais (Porquinho-da-índia), por exemplo.

No poema “Enchente”, de Cecília Meireles, temos uma atividade corriqueira (ir para casa enquanto chove, ou, neste caso, quando há uma enchente), e atividades corriqueiras podem chamar muita atenção de crianças (PINHEIRO, 2007). “Enchente” foi publicado pela primeira vez no livro “Ou Isto ou Aquilo”, em 1964, onde se reúnem vários poemas da autora, com diversas atividades cotidianas para a década de 1960. Apesar do passar do tempo, casos como essa corrida da enchente ainda estão presentes na vida de muitas crianças, o que pode lhes aproximar ainda mais do poema. Portanto, a partir do exposto pelos autores acima citados, é possível se abordar as seguintes questões no poema de Cecília Meireles:)





Atividades possíveis utilizando as estratégias de Koch e Elias (2006), Pinheiro (2007) e Zumthor (2007), a partir do poema “Enchente”, de Cecília Meireles

Estratégias	Questão	Trecho relacionado	Comentários
Leitura guiada como motivação (pré-textual) Predição (pré-textual)	Por que Alexandre está sendo chamado, se observando o título do texto?	“Chama o Alexandre! Chama!”	A leitura seria conduzida até o segundo verso, até que fosse feito esse questionamento, a fim de fazer o aluno relacionar o chamado por Alexandre ao fato de haver a enchente do título.
Conhecimento de mundo (textual)	“Por que Alexandre deve colocar bota e acender o fogo?”	“Enquanto chove, bota a chaleira no fogo: olha a chama! olha a chispa!”	O aluno, de acordo com sua vivência de mundo, deverá relacionar o frio da enchente com a necessidade de se aquecer com botas e fogo.
Compreensão global (pós textual)	“No fim das contas, após a leitura do texto, por que Alexandre está sendo chamado?”	“Chama o Alexandre! Chama!”“	Em uma estratégia de continuação pós-textual de análise, o aluno deve concluir que, de fato, Alexandre estava2



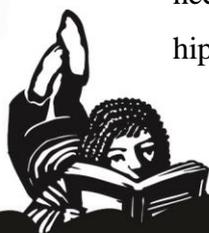


VII ENLIJE

			sendo chamado para casa por conta da enchente.
Leitura performática Análise continuada (pós-textual)	“Escute com atenção a leitura do professor: você conseguiu perceber algum som que se repete na pronúncia das palavras? Se sim, o som tem alguma relação com o conteúdo do poema?”	Todo o poema, com ênfase nos versos com o fonema ʃ , presente em: “Olha a chuva que encharca a gente. Põe a chave na fechadura . Fecha a porta por causa da chuva , olha a rua como se enche! ”	A leitura performática, aqui, irá ajudar o aluno a ter a noção da criação imagética da chuva e da enchente por conta da aliteração trazida pela repetição do fonema ʃ

Através das questões acima, com base em todos os níveis (cognitivos, metacognitivos e performáticos) de leitura, o aluno terá caminho livre para encenação, interpretação e experimentação do poema de maneira menos presa e mais criativa, com a contribuição, principalmente, da retomada de seus conhecimentos de mundo e dos recursos imagéticos que o poema abarca.

A questão da sonoridade através do fonema ʃ dificilmente seria percebida através de leitura silenciosa, então é essencial a leitura em voz alta proposta por Pinheiro (2007), complementada pela performance de Zumthor (2007). Ao início da leitura, observando o título, o aluno talvez não o associe ao chamado por Alexandre já na primeira estrofe, então é necessária a leitura guiada, com a inferência sendo ativada. Dessa forma, a confirmação de hipóteses, nesse caso, atividade pós-textual (KOCH & ELIAS, 2007), trará ao aluno um





VII ENLIJE

significado maior ao título e, dessa forma, maior atenção ao que não está exclusivamente no texto.

Já o poema "Porquinho-da-índia", de Manuel Bandeira, escrito antes de 1930, sem data específica de publicação, trata de um eu-lírico que ganhou esse animal como presente. Ele (a) o levava para passear em sua casa, mas o porquinho sempre voltava e ficava debaixo do fogão, como se lá fosse o seu local de refúgio. Seu dono, confuso, se perguntava porque o animal se recusava a ficar nos lugares mais bonitos e limpinhos que lhe era apresentado. No final no poema, o eu-lírico afirma que o animal foi sua primeira namorada. A partir de tais considerações, as seguintes questões podem ser abordadas:

Atividades possíveis utilizando as estratégias de Koch e Elias (2006), Pinheiro (2007) e Zumthor (2007), a partir do poema "Porquinho-da-índia", de Manuel Bandeira

Estratégias	Questão	Trecho relacionado	Comentários
Leitura guiada como motivação (pré-textual) Predição (pré-textual)	Por que o título do poema é o nome de um animal?	"Porquinho-da-índia"	Essa pergunta geraria possibilidades de histórias que o poema pudesse tratar, considerando que as interpretações são diferentes de acordo com cada pessoa. Além de fazer com que os leitores se envolvessem mais com a obra, iria incentivar a continuidade da leitura e iriam concretizar (ou não),

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

			as questões que foram levantadas inicialmente, que seria satisfatório ou não.
Conhecimento de mundo (textual)	Por que o bichinho só queria viver embaixo do fogão mesmo quando a dona o levava para ver coisas bonitas?	“Que dor de coração me dava Porque o bichinho só queria estar embaixo do fogão!”	O aluno, de acordo com sua vivência de mundo, deverá relacionar a escolha do bichinho com questões que o façam refletir por que o animal não ficava aonde a dona o deixava e relacionar com acontecimentos sociais. Por exemplo, o leitor pode entender que com esse comportamento o animal queira mostrar que ele é independente.





VII ENLIJE

Compreensão global (pós textual)	Ao término da leitura, as perguntas feitas inicialmente se concretizaram? Quais as relações que podem ser feitas com a sociedade?	-	Após a análise desse poema, os alunos poderão refletir sobre a vida do autor, o comportamento do animal, a decepção da dona de porquinho-da-índia e relacionar com acontecimentos do cotidiano dos alunos.
Leitura performática Análise continuada (pós-textual)	Nesse momento, o professor pode pedir que cada aluno represente um personagem do poema para fazer uma apresentação do mesmo, com o intuito de aproximar mais ainda os alunos da obra literária. Então, o poema seria lido em voz alta e os alunos iam realizando a encenação. Mas na hora do animal voltar para o seu lugar, o aluno que estaria lhe representando iria escolher qualquer outra ambiente.	Todo o poema	A leitura performática, aqui, irá ajudar o aluno a ter a noção da liberdade que cada indivíduo obtém. Liberdade de escolher, fazer o que quiser etc.

Considerando a complexidade do poema “Porquinho-da-índia”, as etapas explícitas nessa proposta de atividade ajudarão na construção de interpretações proveitosas e interessantes. De antemão, deve-se fazer uma análise da história do autor e relacioná-la com as discussões. A primeira etapa seria fazer possíveis deduções a partir do título do poema. Essa etapa existe e é importante, pois ela desperta a curiosidade no leitor que resultará na





VII ENLIJE

conclusão da leitura de todo o poema para poder concretizar ou não o que foi imaginado inicialmente (pré-textual).

A segunda etapa é questionar por que o porquinho-da-índia não desejava ficar onde sua dona o deixasse, já que para ela era os lugares mais bonitos e limpos. Nesse momento os alunos/leitores podem refletir sobre a importância da liberdade de agir conforme seus desejos. Essa questão também pode ser relacionada com acontecimentos sociais, o que geraria várias perguntas relacionadas ao comportamento humano. Como por exemplo, liberdade de ir e vir, fazer o que desejar sem julgamentos externos, etc. Essa segunda etapa estaria acionando o conhecimento enciclopédico do indivíduo (Koch e Elias, 2007) (textual).

A terceira etapa, ainda relacionada à etapa anterior, apresentaria afirmações (ou não) das perguntas iniciais, e mais relações com a sociedade seriam realizadas. Visto isso, é possível perceber que o poema permite que uma enorme conversa seja gerada, fazendo com que os alunos aprimorem o discurso e sua criticidade (pós-textual).

A quarta e última etapa seria a encenação. Nesse momento, após toda a discussão, cada aluno iria assumir um personagem do poema “Porquinha-da-índia” e iriam encenar toda a história. Etapa importante para complementar toda a interação realizada anteriormente. Contudo, cada aluno, após participar dessa significativa leitura e interpretação, poderá despertar o desejo de realizar outras leituras poéticas.

Por fim, o poema “O que os olhos não vêem”, da famosa escritora brasileira Ruth Rocha, publicado em 1981, tornou-se bastante importante para realização de um pequeno conjunto de perguntas, as quais tinham como o objetivo analisar a habilidade dos discentes durante a leitura do poema e realização dos questionamentos a seguir:

Atividades possíveis utilizando as estratégias de Koch e Elias (2006), Pinheiro (2007) e Zumthor (2007), a partir do poema “O que os olhos não vêem”, de Ruth Rocha			
Estratégias	Questões	Trecho Relacionado	Comentários
Leitura guiada	Tendo como base o título do poema, “O	“O que os olhos não	Essa questão procura possibilitar uma ²





VII ENLIJE

como motivação (Pré-textual)	que os olhos não vêem”, de Ruth Rocha, quais são suas hipóteses acerca do que se tratará o poema? (A questão é ofertada antes da discussão do poema e após a leitura coletiva do seu título).	vêem”;	análise do docente acerca das diferentes visões dos alunos e suas capacidades de responder tal questionamento baseando-se nos diferentes sentidos do termo “vêem”.
Conhecimento de mundo (Textual)	Quais foram as táticas da “maioria” para que o rei e os demais nobres pudessem enxergá-los e serem curados da “doença”?	Contido na última estrofe;	O educando responderá utilizando os conhecimentos adquiridos durante a leitura do texto, já que a questão requer informações contidas no desenvolver do poema.
Compreensão global (Pós-textual)	As hipóteses construídas e discutidas na primeira questão foram concretizadas? Procure estabelecer uma ponte entre a reflexão do poema e	Não trata-se de trechos específicos, mas uma análise de todo o poema.	Essa seria uma questão na qual o educador não poderia analisá-la a partir do viés “certo e errado”, mas considerando as competências e habilidades dos ²²

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

	a sociedade atual.		discentes para a construção de aspectos intertextuais e a “autoanálise” do aluno referente a resposta da primeira pergunta.
--	--------------------	--	---

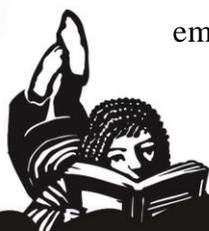
Portanto, esse exercício não serve puramente para cunho avaliativo, mas como uma atividade lúdica para os discentes e para análise do professor acerca da bagagem de conhecimento de mundo dos seus educandos. Por esse viés, torna-se importante destacar a utilização das estratégias pré-textuais, textuais e pós-textuais, apresentadas por Koch e Elias (2007), e a incrível adequação do poema de Ruth Rocha como instrumento pedagógico e satisfatório para a atividade educacional.

CONCLUSÕES

Ao identificarmos possíveis dificuldades dos docentes nas abordagens de poemas líricos para jovens entre 10 a 15 anos (ensino fundamental), apresentamos para todos, sobretudo para profissionais da área educacional, possibilidades de melhorar a didática com poemas, objetivando despertar nos jovens o desejo de se deleitar com diversas obras literárias que podem apresentar interpretações significativas.

As possibilidades se referem às teorias de alguns autores como Pinheiro (2007) que prioriza as etapas de leitura; As estratégias de leitura apontadas por Koch e Elias (2006) e a performance de Paul Zumthor (2007), além de poemas que tais possibilidades podem ser combinadas, como poemas de Manuel Bandeira, Ruth Rocha e Cecília Meireles.

Com base nas teorias que neste trabalho foram expostas, alimentamos as expectativas de uma possível nova perspectiva de abordagem do poema lírico infanto-juvenil (10-15 anos) em sala de aula, com objetivo de facilitar a compreensão de poemas líricos de maneira





VII ENLIJE

estratégica e cabível, além de despertar o desejo dos alunos de se deleitar pela beleza de cada poema que lhes serão apresentados a partir dessa nova proposta de metodologia.

REFERÊNCIAS:

BANDEIRA, Manuel. Porquinho-da-Índia. In: PINTO, José Nêumanne (Sel.). **Os cem melhores poetas brasileiros do século**. São Paulo, SP: Geração, 2001

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MEIRELES, Cecília. Enchente. In: **Ou Isto ou Aquilo**. Rio de Janeiro: Giroflê, Giroflá, 1964.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

ROCHA, Ruth. **O que os olhos não veem**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1981.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 1990.

